

**LUCAS, o Menino
Prodígio**

**Uma História de amor, fé e
compaixão**

Sundays Smith

LUCAS, O MENINO PRODÍGIO

**Uma história de amor, fé e
compaixão**

**Onde a coragem desafia o
destino**

Autor: Sundays Smith



SMITH PRESS
PUBLISHING KNOWLEDGE.
INSPIRING MINDS.

SUNDAYS SMITH

autor, investigador e escritor

HISTÓRIA • FÉ • CONHECIMENTO
VERDADE • REVELAÇÃO



OBRAS QUE
ESCLARECEM
O PASSADO E
ILUMINAM
O FUTURO.

OBRAS DE REFERÊNCIA
PARA TEMPOS DE BUSCA E DISCERNIMENTO



- EBOOK
- AUDIOBOOK
- LIVRO FÍSICO

**EDIÇÃO DE
COLECIONADOR**
3 VOLUMES
EDIÇÃO LIMITADA
NUMERADA

SMITH PRESS • PUBLISHING KNOWLEDGE. INSPIRING MINDS.

WWW.SMITHPRESS.COM

Smith Press
Publishing Knowledge. Inspiring Minds.

SINOPSE

LUCAS — O menino que carregou o mundo no peito

Há lugares onde o sol nasce, mas não ilumina. Serrana do Norte é um deles — uma cidade onde a terra vermelha gruda nos pés descalços das crianças e o vento traz o cheiro de decomposição misturado com café requeentado. Ali, a vida não é promessa. É resistência.

Lucas tem doze anos, mas seus olhos já carregam o peso de um mundo que desistiu de si mesmo. Enquanto outras crianças brincam, ele observa o avanço silencioso de uma doença que toma casas, corpos e esperanças. Vizinhos desaparecem. A tosse vira febre. A febre vira silêncio.

Sentado no chão de terra batida, com um caderno de capa de papelão duro, gasto nas bordas, Lucas tenta entender o que a ciência oficial se recusa a explicar: por que a febre não baixa, por que os remédios acabam, e por que ninguém volta para ajudar.

Ele ainda não sabe que vai perder mais do que deveria. Que vai acordar uma manhã e perceber que a infância acabou antes de começar. Mas, ao olhar para Joaquim — o irmão de sete anos sufocando na cama de palha — ele faz uma promessa silenciosa: *eu não vou deixar você morrer*.

E é essa promessa que o transforma.

Lucas descobre cedo que a doença não é castigo, nem maldição, nem o azar de quem nasce na terra vermelha. A doença tem origem. Tem vetor. Tem responsáveis. E esses responsáveis vivem na zona alta — onde as janelas têm vidro, os decretos têm preço e o café é importado.

Quando o mundo fecha as portas, Lucas abre o caderno. Quando os médicos vão embora, ele afia o lápis. Quando a vergonha queima mais do que a febre, ele registra cada nome, cada sintoma, cada morte.

Ele enfrenta a chuva ácida, a humilhação pública e o nojo de homens de jaleco impecável que cheiram a tabaco caro e arrogância. Escuta, sem desviar o olhar, a sentença cruel: *"Você é apenas um erro estatístico."*

Mas Lucas volta. Sempre volta. Porque a verdade está ali, nua, esperando alguém que tenha coragem de tocá-la.

Esta não é apenas a história de uma epidemia. É a história de um país que decide quem merece viver. É a história de um menino que descobre que o amor não precisa de palavras — precisa de atos. É a história de alguém que transforma o próprio sofrimento em escudo para proteger quem ama.

O leitor vai caminhar com Lucas. Vai sentir a lama nos pés e o silêncio depois da última respiração. Vai sentir raiva quando ele for humilhado. Vai sentir desespero quando Joaquim tossir sangue. E vai sentir esperança quando Lucas encontrar, nas ervas da serra, a primeira fagulha de cura.

E quando fechar o livro, não vai conseguir esquecer. Porque Lucas não é só um personagem. Lucas é o menino que o mundo insiste em ignorar.

E depois desta história, o leitor nunca mais vai conseguir desviar o olhar.

PREFÁCIO

Não prepare o coração para ler uma história. Prepare-o para receber um peso.

O peso de um menino de doze anos, de carne fina e ossos leves, carregando um coração tão desproporcional ao próprio peito que parece querer romper a pele. O que você vai encontrar nestas páginas não é um herói de mármore, nem um mito criado para aliviar consciências. É Lucas. E ele não nasceu para vencer. Nasceu para aguentar. E, na geografia implacável de Serrana do Norte, aguentar é, muitas vezes, muito pior do que perder.

Você vai vê-lo rir — não o riso de quem é feliz, mas o riso curto e furtivo de quem ainda tenta acreditar que o mundo não é tão cruel. Vai vê-lo tremer — não apenas pelo frio que entra pelas frestas da cabana de madeira, mas pelo medo de ver o pouco que tem escorrer pelos dedos. Vai testemunhar suas quedas: no chão de terra batida, nos corredores frios dos postos de saúde, no silêncio ensurdecedor de uma noite sem remédios. E, mais impressionante ainda, vai vê-lo levantar quando o corpo já pediu trégua e a alma já desistiu. Porque Lucas não tem o privilégio da desistência. A vida não lhe deu essa opção.

Não vou antecipar o que o destino lhe prepara. Não vou contar quem fica, quem parte, quem sufoca na escuridão. Mas posso garantir uma coisa: nada aqui foi escrito para ser lido de longe, do conforto de uma poltrona. Cada frase foi forjada para encostar na sua pele. Para que você sinta o calor opressor do sol que racha a terra vermelha e a esperança. Para que você ouça o chiado úmido no peito de uma criança doente. Para que você sinta o frio que sobe pela espinha quando o olhar de quem se ama começa a perder o brilho.

Você vai provar a alegria silenciosa de uma descoberta escondida no fundo de um **caderno de capa de papelão duro, gasto nas bordas** — uma alegria que, para Lucas, vale mais do que qualquer fortuna. E vai provar, sobretudo, a dor. Uma dor que não grita, porque já não tem voz. Uma dor que aperta a garganta e faz o mundo parecer estreito demais para caber tanta perda.

Esta história não promete alívio. Não promete justiça. Não promete finais felizes embrulhados em fitas de cetim para que você possa dormir tranquilo. Promete verdade. Uma verdade crua, áspera, manchada de suor e terra. Uma verdade que não pede licença para doer.

E, quando você chegar ao fim, o que vai restar não será apenas o enredo de uma epidemia. Vai restar a certeza de que existem almas que pegam o próprio sofrimento com as mãos nuas e o transformam em escudo, em abrigo, em cura para quem está ao lado.

Entre devagar. Não tenha pressa. Respire fundo agora — porque vai faltar ar.

Caminhe com Lucas passo a passo. Sinta o peso do mundo nos seus ombros magros, o cansaço nas pernas feridas, o aperto no peito. Chore com cada derrota que parece grande demais para um menino tão pequeno. E descubra, junto com ele, até onde vai a força de um coração que sabe, desde cedo, que vai perder quase tudo — e, mesmo assim, escolhe lutar até o último suspiro.

Quando fechar este livro, você não vai se despedir de Lucas. Vai carregá-lo consigo. No peito. Na memória. E, principalmente, no modo como você vai olhar para a próxima criança que cruzar o seu caminho.

SUMÁRIO

Sinopse

Prefácio

ATO 1: A TERRA QUE ESQUECEU DE CHORAR

- **1. O Peso do Céu de Serrana do Norte**
 - **2. O Avião Antes da Tempestade**
 - **3. O Silêncio que Entra Pela Porta**
 - **4. A Fila de Papel e o Carimbo Frio**
 - **5. O Vazio que se Instala**
-

ATO 2: A CICATRIZ DO MUNDO

- **6. A Promessa que o Sertão Não Ouviu**
 - **7. Cadernos Amassados Contra o Peito**
 - **8. A Ciência dos Esquecidos**
 - **9. O Cheiro de Podridão e Hortelã**
 - **10. A Verdade que se Constrói com as Mãos**
-

ATO 3: O PREÇO DA LUZ

- **11. Onde o Ar Não Tem dono**
- **12. A Ponte de Carne**
- **13. O Herói que Ninguém Quis Ver**
- **14. O Enterro Sem Nome**
- **15. Estátuas de Bronze e Feridas Abertas**
- **16. A Lição que o Sangue Escreveu**

Dedicatória ao Leitor

Mensagem Final ao Leitor

Agradecimentos

Smith Press

ATO 1

A TERRA QUE ESQUECEU DE CHORAR

O Peso do Céu de Serrana do Norte

ATO 1: A TERRA QUE ESQUECEU DE CHORAR

O Peso do Céu de Serrana do Norte

“O sol não aquecia Serrana do Norte. Ele castigava.”

O sol não nascia em Serrana do Norte. Ele **erupcia**. Não era um amanhecer, era uma invasão violenta, uma agressão do céu contra a terra. A luz rompia o horizonte como uma ferida aberta, jorrando vermelho-sangue sobre a caatinga ressecada. Não havia transição, não havia delicadeza. Era violência pura, como se o firmamento tivesse raiva daqueles que ousavam sobreviver ali.

Lucas sentiu o calor antes de abrir os olhos. Era uma opressão física, como se alguém tivesse jogado areia quente sobre seu peito. Os lençóis de algodão grosso colavam na pele suada, e o travesseiro cheirava a mofo, terra seca e suor velho. Piscou forte, e a primeira imagem que se formou foi a rachadura no teto de adobe — uma cicatriz irregular, escura e profunda, que cortava a parede como um raio. Respirou fundo. O ar entrou queimando — seco, pesado, com gosto de ferro e sal, como se estivesse mastigando areia. Tossiu, e o som ecoou no quarto vazio, áspero e rouco, como se sua garganta fosse de papel de lixa. Sentiu o gosto metálico do sangue no fundo da boca.

O cheiro era de terra queimada. Não a terra úmida dos campos bem regados, mas a terra do sertão, ressecada pelo sol e pelo abandono, que cheirava a morte lenta. Misturado a isso, um fedor doce e podre — o cheiro da doença que não tinha nome, mas que todos na vila já reconheciam. Ouviu o som antes de ver: um rangido surdo da porta mal encostada, empurrada pelo ventinho da madrugada. *Pum. Pum.* Como se a casa gemesse.

Sentou-se devagar. Os ossos doíam como se tivessem sido esmagados durante a noite. A cama de palha rangeu sob seu peso. Olhou para Joaquim, que dormia de bruços, um braço jogado para fora da colcha fina. A respiração do irmão era suave, ritmada, perfeita — o som da saúde, da inocência, da vida que ainda não sabia o que era o medo. Esticou a mão e tocou o ombro do menino. A pele estava quente — não a febre doente, mas o calor saudável de uma criança. Macia, com manchas de terra onde Joaquim coçara picadas de mosquito.

— Joca — sussurrou, a voz rouca. — Acorda, que o sol já tá alto e a mãe vai brigar.

Joaquim resmungou, virou-se para o lado e abriu os olhos devagar. Os cílios piscaram contra a luz forte que entrava pela fresta da janela, coberta por um pano de chita gasto.

— Lucas? — murmurou. — Que horas são?

— Hora de levantar, seu preguiçoso — sorriu Lucas pela primeira vez naquele dia. — O pai já deve tá no terreiro.

Joaquim esfregou os olhos com os punhos sujos e sentou-se. A colcha escorregou, revelando as pernas magras, cheias de arranhões e cicatrizes de quedas.

— Eu sonhei que a gente tava no serrote — disse, com os olhos brilhando de excitação. — A gente tava solando o avião, e ele voou... até sumir nas nuvens! E a gente achou um tesouro!

Lucas sentiu um nó no estômago. O serrote. Aquele monte de pedra escura que dominava o horizonte como um guardião mudo da vila. Ninguém subia lá. Era longe demais, íngreme demais, perigoso demais. Os mais velhos diziam que era morada de cobra e de mau olhado.

— Um dia a gente vai, Joca — disse, com a voz mais firme do que se sentia. — Um dia a gente sobe lá e solta o avião pra valer. E se a gente achar um tesouro, a gente compra uma casa grande pra mãe.

Joaquim sorriu, e o quarto inteiro pareceu iluminar-se com a luz da manhã.

— Você promete? — perguntou, com os olhos cheios de esperança.

— Prometo — confirmou Lucas, com um nó na garganta. — Mas agora a gente tem que se apressar, que a mãe já deve tá chamando pro café.

A cozinha era um inferno de cheiros e sons.

O café coado na peneira de pano exalava um aroma amargo, misturado ao cheiro de broa de milho assando na panela de ferro preta. O fogo de lenha estalava baixinho, como um animal preguiçoso acordando. Claudileine mexia a panela com uma espátula de madeira, o cabelo preto preso em um coque desganhado, as mãos grossas e calejadas seguindo movimentos automáticos.

— Bom dia, mãe — disse Lucas, ao entrar, os pés descalços fazendo um som surdo na terra batida.

— Bom dia, meus meninos — respondeu Claudileine, com um sorriso cansado, mas carinhoso. — Sentem, que o café já tá pronto. E não demorem, que o pai não gosta de almoçar sozinho.

Os dois sentaram-se à mesa de madeira escura, as tábuas gastas pelo uso. O prato de farinha já estava no lugar de sempre, ao lado das canecas de barro trincadas. Lucas pegou a sua com as duas mãos e levou aos lábios. O café estava escaldante, com um gosto forte de terra e amargor. Tomou um gole devagar, sentindo o líquido queimar a garganta e o estômago vazio.

— O pai já saiu? — perguntou, olhando para a porta entreaberta.

— Saiu antes do galo cantar — respondeu Claudileine, servindo a broa nos pratos. — Disse que ia arrumar a cerca do curral antes do calor apertar.

— Ele tá com pressa hoje — observou Lucas.

— É — suspirou Claudileine. — Disse que o vento tava estranho ontem à noite. Que pode vir chuva.

Lucas olhou para a mãe, com os olhos semicerrados, incrédulo.

— Chuva, mãe? O céu tá limpo como vidro.

Claudileine parou de servir e olhou para o filho, com um misto de paciência e tristeza.

— Seu pai lê o vento, Lucas. Não o céu. O vento não mente.

Lucas guardou as palavras. Não as entendeu completamente, mas sentiu que eram verdade.

Joaquim, impaciente, já estava com a boca cheia de broa e farinha.

— Mãe, o Lucas disse que a gente vai pro serrote! — anunciou, com os olhos brilhando.

Claudileine olhou para Lucas, com um sobrolho erguido, em advertência.

— Um dia, mãe — corrigiu Lucas, rápido. — Quando o Joca estiver mais forte.

— Vocês dois e essa mania de prometer o que não podem cumprir — suspirou Claudileine, enxugando as mãos no avental manchado. — O serrote não é brincadeira. É longe, é perigoso...

— A gente vai com cuidado — insistiu Lucas.

— E se o vento virar? — perguntou Claudileine, séria.

— A gente volta — respondeu Lucas, com a voz firme.

Claudileine olhou para os dois, com um misto de amor e medo. Sabia que não adiantava discutir.

— Tá bom. Mas só quando eu disser que tá seguro — disse, finalmente. — E não esqueçam: o sertão não perdoa quem não tem juízo.

O alpendre era o reino de Lucas. Sentado na cadeira de palha vencida pelo tempo, com os pés descalços na terra quente, ele observava o mundo. O sol já estava alto, e o calor era tanto que a terra parecia derreter. O ar tremia sobre o chão, como se o sertão estivesse febril.

Abriu o livro de Ciências Naturais sobre os joelhos. As páginas amareladas cheiravam a mofo e tinta desbotada. Os desenhos de plantas e animais estavam cobertos de anotações, esquemas rabiscados a lápis, perguntas sem resposta.

Lia devagar, como se cada palavra fosse um segredo a ser decifrado. De vez em quando, levantava os olhos e comparava o que via com o que lia.

— Por que a água some e a pedra fica? — murmurava para si mesmo, traçando uma linha no caderno.

Perguntas que ninguém em Serrana do Norte fazia. Os adultos só perguntavam:

— O que vamos comer amanhã?

— De onde virá a água?

— Quem vai morrer primeiro?

Mas Lucas queria entender. Queria saber o porquê de tudo. Queria encontrar uma lógica num lugar onde nada fazia sentido.

O sol começou a pintar o céu de laranja e vermelho-sangue, como se a própria tarde estivesse ferida. Fechou o livro com um som seco que ecoou pela rua vazia. Ficou ali, olhando para o caminho de terra que desaparecia na distância, enquanto o vento levantava poeira como fantasmas.

E então, como se falasse com o próprio destino, deixou escapar a pergunta que o perseguia:

— Por que a gente sempre perde primeiro, pai?

Os olhos arderam. A garganta travou. Mas ele não chorou. Não podia. Chorar era um luxo que Serrana do Norte não podia pagar. Lágrima aqui não enchia pote, não curava doença, não trazia chuva. Lágrima aqui era água desperdiçada.

— Eu vou descobrir — disse, firme, para ninguém. Para si mesmo. Para o vento. Para as estrelas que começavam a aparecer. — Mesmo que demore anos. Mesmo que ninguém acredite. Se existe uma explicação, eu vou encontrá-la.

A porta da casa dos Vieira não rangeu. Ganiu. O som era um lamento, como se a própria casa sofresse com o peso dos anos. Severino Vieira surgiu na soleira, iluminado pela luz vermelha do entardecer. Era alto, mas a altura já não impunha respeito.

Os ombros, antes largos e fortes, agora vergavam sob o peso invisível dos anos. As mãos enormes e calejadas — marcadas por cortes antigos que nunca cicatrizavam direito — contavam a história de uma vida de trabalho sem trégua.

Aproximou-se do filho devagar. Arrastou os pés sobre a terra batida. Ajoelhou-se ao lado dele. Os joelhos estalaram. Ficaram à mesma altura.

Severino observou o menino por um momento. Não disse nada. Sabia que a inteligência do filho era bênção e maldição. Ver o mundo sem ilusões era uma forma lenta de sofrimento.

— Sabe, Lucas... — começou, com a voz grave e gasta. Pausou. Puxou o ar. — O mundo não foi feito pra facilitar. Pra gente como nós, a vida é briga. Acordar já é vitória. Mas isso não é motivo pra entregar os pontos.

Lucas virou o rosto. Por um segundo, deixou de ser o menino que carregava perguntas demais. Era só uma criança cansada, buscando abrigo, buscando uma resposta que não doesse.

— Por que tem que ser assim, pai? — perguntou, com a voz quebrou. — Por que uns têm tudo e a gente sangra só pra não morrer de fome?

Severino olhou para o horizonte. O céu queimava em roxo e vermelho, como se o próprio firmamento estivesse em chamas. Pousou a mão pesada no ombro do filho. A mão que já erguera mourões, que já cavara poços, que já segurara a enxada até os dedos sangrarem. Agora pousava ali, leve, como se o menino fosse feito de vidro.

— A injustiça tá aí, meu filho. Sempre estive — disse, com a voz rouca. — Mas ela não manda no final. O final é seu. Mesmo só com as mãos limpas e a cabeça boa, dá pra defender o seu pedaço de mundo. E isso já é vencer.

Lucas desviou o olhar. Na varanda da casa grande do coronel Barreto, no alto do morro, o brilho de uma bicicleta nova descendo a ladeira. O som de uma risada que não tinha fome. O tilintar de gelo num copo de vidro. Lucas olhou para as próprias mãos. Sujas de grafite. Sujas de terra. Mãos que nunca tocaram um brinquedo de loja.

— Eles não sofrem, pai — disse, com a voz amarga. — O mundo já nasceu pronto pra eles.

Severino sentiu a fisgada no peito. Uma dor antiga, que ele carregava desde menino.

— Não sofrem o calor de hoje — disse, devagar. — Mas também não sabem o que custa um gole d'água. Você sofre, Lucas. Mas entende. E isso vai ser sua força. Um dia, você vai entender pra quê.

Lucas guardou as palavras. Não as entendeu completamente. Mas sentiu que eram verdade.

A porta ganiu de novo. Claudileine apareceu com três canecas de barro — a última água da cisterna. O rosto era redondo, marcado pelo sol e pelo trabalho, mas os olhos ainda tinham uma doçura que a dureza não conseguira apagar. Passou a mão pelos cabelos claros de Lucas, um gesto automático, materno, como quem abençoa sem rezar.

— Seu coração é grande demais pra este lugar, meu filho — disse, a voz baixa. — Não deixa esse mundo te endurecer. Se for pra ser mole, que seja de compaixão. Se for pra ser duro... — Ela parou. Olhou pra ele. — Que seja pra proteger quem cê ama.

Lucas pegou a caneca. A água estava morna, com gosto de barro. Bebeu devagar, sentindo o líquido descer pela garganta seca. Era pouco. Era tudo.

Claudileine sentou-se no degrau do alpendre, ao lado do marido. Puxou o pano que cobria os ombros e enxugou o suor da testa. O gesto era mecânico, repetido milhares de vezes. Mas carregava uma ternura que as palavras não alcançavam.

Ela olhou para os dois — o homem e o menino — e viu neles a mesma teimosia. A mesma recusa silenciosa de se curvar.

— Vocês dois — disse, com um meio sorriso. — Sempre com essa mania de querer entender o mundo. O mundo não quer ser entendido. Quer ser aguentado.

— Se a gente só aguenta, nada muda, mãe — respondeu Lucas, sem tirar os olhos do horizonte.